

4- RESENHA DE LIVRO

MONTEIRO, Pedro Paulo. *Envelhecer: histórias, encontros, transformações*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Bruna Gabrielle Lima de Souza NEIDA-FEFF-UFAM

RESUMO

O olhar sensitivo do corpo, como ele pode movimentar-se, as patologias desenvolvidas ao longo dos anos, o processo de formação da imagem corporal e em como ela pode influenciar o cotidiano. Durante a obra o autor esclarece algumas das etapas do processo de envelhecimento e em como ele faz parte da integralidade do corpo, o mesmo deve passar pelo seu auto-reconhecimento, orientado claro para seu desenvolvimento e tratamento das patologias existentes que foram adquiridas ao longo dos anos.

A história de três mulheres idosas com agravantes deficiências físicas que conseguem mesmo na velhice mudar sua auto-imagem, cinestesia corporal e histórias de vida. Elas passam pelo percurso do envelhecimento, um caminho cursado a partir de experiências adquiridas ao longo dos anos que as transforma e trás novas perspectivas, um livro que mostra com sutileza e riqueza de detalhes, analogias e experiências, o que é realmente entender o envelhecimento e como ele pode ser visto pela sociedade atual e aqueles que ao longo dos dias passam por esse processo, seja cronológico ou psíquico.

Palavras-chaves: Envelhecer, instabilidades, emoções, corpo.

ABSTRACT

The sensitive look of the body, how it can move, the pathologies developed over the years, the process of formation of body image and how it can influence daily life. During the work the author explains some of the steps of the aging process and how it is part of the body of completeness, it must pass through his self-recognition, oriented course for their development and treatment of existing conditions that were acquired over the years. The story of three elderly women with physical disabilities who can aggravating even in old age change their self-image, body kinesthetic and life stories. It passes through the aging of the route a routed path from experience gained over the years that transforms and brings new perspectives, a book that shows with subtlety and detail, analogies and experiences, which is to really understand aging and as it can be seen by the current society and those who over the days go through this process, either chronological or mental

Keywords: Aging, instabilities, emotions, body.

Pedro Paulo Monteiro é mestre em Gerontologia pela PUC-SP, Pós-graduado em Neurologia pela Sociedade Pestalozzi do Estado do RJ e também Graduado em Fisioterapia pela Universidade Católica de Petrópolis. Pesquisando o envelhecimento humano há mais de 15 anos, também é fisioterapeuta especializado em Neurologia onde desenvolve uma abordagem irreduzível do corpo, mente e ambiente. Sempre trabalhou nos domicílios de seus “parceiros de aventura terapêutica”, como ele mesmo prefere chamar seus pacientes. As

palestras que tem ministrado giram em torno de uma conscientização acerca de uma velhice mais humanizada e menos excludente.

Autor das obras: *Envelhecer: histórias, encontros e transformações, Quem somos nós? – O enigma do corpo, A mente e o Significado da Vida*, o livro infanto-juvenil “Por que os sapos são verdes”, e os dois primeiros volumes da Coleção *Envelhecer & Viver: Envelhecer ou Morrer, Eis a Questão, A beleza do Corpo na Dinâmica do Envelhecer*.

Trabalha em Petrópolis - RJ, compartilhando o seu tempo entre tarefas docentes na Universidade Católica de Petrópolis (UCP), atendimento domiciliário de pessoas acima de 60 anos, consultório particular e escrita profissional.

A linguagem poética do autor é presente na obra quando ele paralelamente utiliza seus estudos para a representação do que é a pessoa e como ela pode ser constituída, dentro das divisões da literatura temos algumas estruturas básicas que podem ser vistas desde o sumário, mas que mesmo não sendo restritas refletem no magnífico fechamento da obra.

Parte I: Envelhecer

Das três partes básicas, *Envelhecer* é a mais longa do ponto de vista de produção textual, perpassa um conceito pronto de envelhecimento, é uma representação social, física e moral do avanço dos dias e sua influencia na vida do jovem, adulto e idoso. O “velho” é alguém como muito mais especificidades do que se pode observar comumente, a visão dele mesmo e de como isso o torna especial, ou como ele pode ser atuante dentro da família.

A primeira parte da obra destaca os pontos chave do envelhecimento e como ele se instaura na vida desde o nascimento, todas as situações do curso do rio da vida que interferem na formação do tempo cronológico e em como o corpo e a mente se modificam durante esse tempo e a fase de envelhecimento. “A renovação do conhecimento supõe processos mentais dinâmicos, resultante do fluxo contínuo de informações sensoriais atualizadas a partir dos estados do corpo, porque os sentidos caracterizam-se por detectar as variações.” (MONTEIRO, 2005 p.30)

O tempo então é o determinante para essas situações, e o reconhecimento é o que determina o quanto o ele interfere na vida e no cotidiano do adulto ou idoso, o curso do rio da vida interpassa cadeias de pensamento, pois mesmo esse curso não sendo igual para todos, ele tem em grande parte aspectos bem parecidos.

Sobre esse tempo, destaca o autor:

“Se o tempo é uma abstração, ele só existe em nossa consciência. Portanto, temos todos os tempos: somos o verão que aquece, somos a primavera que desabrocha, somos o outono que

contempla, somos o inverno que silencia. Em suma, somos todas as estações. Em nosso presente encontra-se também o passado e o futuro.” (MONTEIRO, 2005 p.63)

Todo e qualquer tempo que a vida mostra aos seres vivos é como um curso que determina quanto ela viveu, viu e ouviu. O tabu de não gostar de dizer a idade é algo que a sociedade coloca cronologicamente, mesmo que as atitudes não sejam a de alguém que parou no tempo, que tenha deixado de lado as formas singelas de aprendizado, o tempo cronológico acaba determinando parte das atitudes que tomamos ao longo da vida, o que segundo o autor, é destacado pelo passar das estações, mas ressalva ainda: “[...] tornar-se velho é ainda parar e hospedar-se em estações que não permitem nenhum tipo de mudanças e possibilidades.” (MONTEIRO, 2005 p.63)

Essa sentença embora sutil pode mostrar a pequenez do que é o pensamento do homem e da mulher que chega a terceira idade, muitos acabam por acomodar sua vida a um estilo que quebra o que poderíamos ver de melhor na velhice, as experiências. Por medo da repreensão e da pouca aceitação que suas palavras e ações que tendem a ser chamadas de “ultrapassadas” o “velho” como ele cita diversas vezes, é tido como alguém sem muito para oferecer, alguém que já passou por muitos caminhos, conheceu o que teria para conhecer em seu próprio tempo. É muito verdade que como o tempo o corpo se modifica, o que não seria ruim se ele não ficasse frágil ao longo dos anos, mas como bem sabemos, é em sua maioria, o que acaba acontecendo, doenças que afligem o corpo, muitas vezes o acaba enfraquecendo e tornando o corpo jovem e vigoroso em um organismo frágil e muitas vezes dependente de um outro para manter-se e realizar parte das tarefas simples do dia. “A partir do momento em que o organismo perde o sentido de conectividade com seu ambiente, perde também o seu conhecimento e morre.” (MONTEIRO, 2005 p.31) é observando esse aspecto que o idoso passa a ir adaptando seu corpo e mente para a idade.

Parte II: Imagens

A segunda parte que são as imagens, uma das partes consideradas pelo autor como a mecânica usada para se medir o grau de reconhecimento da própria imagem corporal, o que auxilia de forma veemente o terapeuta, pois ele passa também a construir o que pode ser importante para o tratamento.

Fisiologicamente o corpo possui partes que atuam durante o tempo e conta sua história através de imagens, ações e de sintomas. Essas imagens podem representar traumas psicológicos ou físicos, o que pode modificar a forma e a atuação do corpo.

O levantamento do conceito de identidade para o corpo é um passo muito importante na história e de como ele melhor pode usar seu corpo que mesmo estando aparentemente enfraquecido pode atuar, no olhar do autor, envelhecer fisicamente é um processo e progresso natural, regressar é uma escolha de mal utilizar seu próprio corpo ao longo dos anos, não cuidá-lo, e não prepará-lo para os anos posteriores.

Sobre a identidade corporal humana ele aponta:

“O humano é subjetivo, e não um objeto que possa ser classificado em série. Portanto a velhice não pode ser vista exclusivamente por uma perspectiva biológica, porque o humano não é somente uma entidade biológica. É, também, um ser social, cultural, psicológico e espiritual. Assim, cabe a nós questionar” (MONTEIRO 2005, p. 46)

Um ponto muito particular da obra é o uso do holograma como exemplo da indivisibilidade do complexo humano, “o holograma é um meio que pode nos ajudar a compreender o que é uma totalidade indivisa”. Essa indivisibilidade é como o funcionamento do corpo humano, ele atua por vezes separadamente, mas pode provocar situações em que necessite de interação a partir do funcionamento coerente de seus órgãos. A saúde nesse ponto faz com que o corpo demonstre a serventia ou não, o que torna o “velho” alguém que precisa fazer um malabarismo entre seu corpo real e imagem que faz dele mesmo. Somos influenciados por várias sensações, o que faz com que o idoso necessite fazer a relação de suas sensações com as reações de seu próprio corpo, o que o autor chama de “propriocepção”.

Parte III: Histórias

Sem dúvida uma das partes mais sensíveis da obra, partindo ainda no diagrama do rio, o percurso dele causa no pensamento várias interpretações, é comum para a idade irem sendo acumuladas as memórias, todas elas são parte do que nos tornamos durante a vida inteira, e, sobretudo influenciam nas decisões a serem tomadas no futuro.

Histórias de encontros:

Carmem é a primeira mulher a ser relatada na história, tudo o que materialmente possuía era reflexo de sua trajetória no rio da vida, lhe recontava cada dia sua história e um pouco mais do que ela mesma poderia se lembrar. Sua patologia estava atrelada a fatores extra fisiológicos, eles fazem parte do contexto social em que vivia, depois de cirurgias para reconstituição de vértebras lombares, a sentença lhe pareceu pesada, como diz o relato; “será que tenho condições ainda de melhorar com esta idade? Eu acho que estou velha para isso.” (MONTEIRO 2005, p. 147) Sobre essa visão da paciente o autor esclarece: “A crença da não possibilidade de recuperação devido a ‘idade’ está tão densamente vinculada a um aprendizado social, passando de geração para geração, que faz com que todas as pessoas

compactuem essa crença.” (MONTEIRO 2005, p. 147) Os fatores emocionais como a perda do esposo, acabaram lhe trazendo uma série de sensibilidades psicoafetivas, a insônia foi um fator mais evidente desse caso. Sua criação e todos os momentos de sua vida desde a infância estavam agora sendo vistos de maneira cumulativa, a incerteza, o medo, a falta de posicionamento crítico e pessoal, a carência, mas ao mesmo tempo o peso de suas responsabilidades. Todos estes e outros pontos foram trabalhados e Carmem resolveu partir em busca de novos caminhos, novas formas de direcionamento “Nós, na velhice, temos que mudar para ficarmos mais interessantes” (MONTEIRO 2005, p. 180)

A segunda história é de Francisca, uma mulher reservada, que mantinha sua preocupação em “ser uma boa pessoa”. Uma mulher muito religiosa que mantinha suas ações enlaçadas no eixo da religião, Francisca foi diagnosticada com artrose bilateral de quadril, o que acarretou deformidades corporais, mas mesmo estando assim desde os 55 anos ela buscou na fé as forças para enfrentar a patologia e viu durante as sessões o quanto poderia melhorar realmente, e o terapeuta, valendo-se desse histórico, citava versos bíblicos que auxiliavam a paciente a relaxar para o trabalho da autonomia corporal. Novamente nesse caso aparece a figura do marido como uma pessoa que trouxe traços muito profundos, e a perda de Francisca acabou sendo para a infidelidade conjugal. O corpo dela durante as sessões mostrava uma série de fatores que demonstravam a necessidade de uma mente insatisfeita ou mal preenchida que só poderia modificar-se mediante um trabalho de compromisso e relação de afetividade social, uma relação baseada em solidariedade e respeito mútuo, o que para ela seria extremamente mais significativo, pois as obras mais que as palavras é que lhe tornava diferente em relação aos acontecimentos de era a religiosidade, a morte o filho, as marcas do passado que foram se acumulando ao longo de sua vida não apagaram-lhe as esperanças de vida e saúde.

A terceira história é a de Yara, uma mulher de 75 anos, que morava sozinha, alguém que necessitava de atenção, do sentimento de ser aceita, escondia isso atrás das palavras e das “amigas”. Sofria de insônia, além de precisar de muletas, que por sinal ela não gostava de usar para ser movimentar. Ela tinha uma forte resistência ao toque em seu corpo, que era marcado por diversas cicatrizes, sua imagem corporal é bem distinta das demais, ela simplesmente falava compulsivamente, parecia querer que ele soubesse de tudo sem intervalos. “A solidão era um aspecto angustiante em sua história e, assim, pedi que falasse livremente, contasse a história desde o nascimento, pois podia perceber em seu olhar ansioso que queria muito falar, colocar para fora algo que estava guardado há anos.” (MONTEIRO 2005, p. 212)

Uma infância marcada por problemas de saúde, acontecimentos contados por ela com um ar dramático, mas que mesmo no início soando como histórias narradas em livros, mas que ao longo do relato foi se tornando real. A imagem corporal apresentada por ela era o reflexo de toda uma vida de privações e negações, ela quase se sentia fora da espécie humana, por tanto ouvir repetidamente que não pudesse ser como os demais. Ao longo dos encontros essa realidade foi modificando e ela pode encontrar novos horizontes através do tratamento terapêutico.

Ao final ele realizou um encontro com as três, e fazendo uma breve reflexão sobre a temporalidade do corpo declara:

“[...] reconheço e valorizo uma história de vida, entendendo que cada encontro que estabeleço na passagem da temporalidade é um convite para que eu abra um novo capítulo do livro da minha vida, proporcionando-me uma compreensão maior do que sou e do motivo de estar aqui. E, assim, consigo dar uma nova configuração do meu passado, um novo colorido ao presente, mantendo-me no fluxo do rio da vida, rumo ao futuro.” (MONTEIRO 2005, p. 261)

Indicação da Obra:

Indico esta obra a todos os acadêmicos de Saúde e Educação, pois os assuntos abordados se relacionam mutuamente, sem deixar de fazer desta obra uma leitura agradável. Aos acadêmicos do curso de Educação Física, Fisioterapia, Enfermagem e Medicina, pois para a prevenção, o combate e o tratamento de diversas patologias dependem de um olhar amplo e específico sob o paciente.

Indico enfim para todos que desejam nutrir-se de ótimo material literário em que os assuntos sejam relevantes para a formação acadêmica e a construção de conhecimento epistemológico e cotidiano, tendo em vista que as diretrizes abordadas pelo autor são muito importantes e chegam além da vida acadêmica, são histórias de vida para reflexão e encorajamento durante a vida, independente da forma como tenham sido as adversidades pessoais.